

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS. REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

13 de Abril de 1879.

RESURREIÇÃO

Commemora-se hoje no orbe catholico a resurreição do Christo.

Quão edificantes exemplos não veio dar ao homem até então com instinctos de féra—esse sublime Redemptor da Humanidade!

O sangue do Justo derramado para lavar a negra mancha do genero humano, e libertar-o da morte eterna!

Quanta abnegação! Inimitavel amor e devoção pela primeira, pela mais perfeita e ainda pela mais peccaminosa das creações.

O homem, sendo feito á Imagem de Deus, fôra entretanto aquella de suas divinas produções a que mais se affixara da sua augusta e nobre missão.

Obruto conservou-se no seu estado de trevas, estacou: não passou de bruto: homem exorbitou e cavando a sua ruína, fôra desleal e ingrato; foi alem: renegou o vovôdo Aquelle em Quem deveria ter sempre reconhecido a encarnação do Espirito-Santo!

Peccou.

E entretanto o presente, o Supremo Author dos Mundos ainda em via-lhe em soccorro um Supremo Libertador.

Dos profundos antros do peccado, da eterna condemnação foi arrancado pelas sacratissimas mãos do filho do Eterno, pelo admiravel e amoroso filho de Maria.

O Homem-Deus, o Homem philosopho, o promettido Libertador dispondo nos horisontes horridos e tenebrosos da humanidade. Uma luz mais diaphana e nunca vista se faz no Universo. Mais uma luminosa e scintillante estrella ostenta-se fulgente no firmamento. Por ella são conduzidos á Bethlem os peregrinos Magos.

A humanidade convulsa e transbordando de inapreciavel e pouco vulgar contentamento abre os braços ao Divino Filho de Maria—e no amplexo que deveria estreitar Aquelle Divino Mediador vae disfarçado um punhal, punhal deicida que mais tarde deveria ser aquelle que faria correr o precioso sangue do primeiro Martyr, do Divino Martyr do Golphtha!

Estulta Humanidade! que fazeis?—Chóra, qual Magdalena arrependida a negrura de tuas culpas.

Procura com obras, com palavras, com pensamentos—attenuar a difformidade dos teus crimes!

E no dia em que se commemura a victoria do Espirito sobre a materia, no dia em que o homem fôra arrancado das garras de Satan para o reino de Deus, no dia em que o Eterno estabeleceu que o homem terá uma outra viã alem da terrena—prostraste humilhado e agradecido, levanta para os seus olhos do peccador contrito e arrependido, entoa mil hymnos de adoração ao Creador e diz com nosco: Gloria a Deus nas Alturas e Paz aos homens na terra.

—LORENA—

Cachoeira, 13 de Abril de 1879.

No Jornal do Commercio de 4 do corrente, em secção particular vem um artigo, com epigraphe Lorena, sob cuja macia phrasologia, um anoveno e illustre contendor, procura não somente combater as nossas palavras relativamente á alta inconveniencia da transferencia da barreira do Piquete para a estrada que do Cruzeiro se dirige á Cachoeira, si não ainda attribuir-nos intenções que não tivemos, procura lançar-nos o odio so que não merecemos.

Antes, porém de entrar em apreciações á respeito, convem que declaramos ao illustre contendor que conhecemos bem de perto, si não a penna alã habilitissima que, qual espada invencivel de Napoleão apresenta-se na ardua da livre discussão com o intuito de combater-nos, ao menos é nos assaz caseiro o espirito refinado, atilado, perspicaz, ironico e juco-serio d'aquelle que maior parte toma e mais interesse mostra ter pelo triumpho das suas sophisticas ideias E com razão, pois que vivemos em um seculo egoista por excellencia!

De antemão sabiamos que o sympathico physico que é animado por aquelle espirito a que já nos referimos, por uma alma nãmiamente matrieira e fugaz, não deixaria de pronunciar, ao ler o nosso editorial, estas textuase palavras: «Não fica sem resposta».

Começa o illustre contendor não querendo admitir que circule com honras de verdade tudo quanto avançamos em nosso editorial sobre a transferencia da barreira do Piquete. Desafiámos ao antagonista que, discutindo seriamente, e não lançando mão de manifesto sophysma, reduza á invérteas e conteúdo do nosso artigo. Talvez que o consiga no memorando dia da inauguração da barreira do Piquete para a estrada do Cruzeiro.

Protesta em seguida contra o procedimento do articulista que, com quixotesco arrogancia etc....

Lembramos ao nosso contendor que fora infeliz na applicação do qualificativo adjectivo qualificativo quixotesco não nos cabe: assennaria melhor si se referisse a algum cujo abdomen fosse igual ou superior ao de D. Quixote

Ciames! diz o illustre contendor! Ciames! Acaso algum persuade-se seriamente que se possa ter ciames da Lorena? Aceitamos essa proposição como verdadeiro espirito; porque realmente dizer-se que alguém sente ciames

na carnechoa Hepacard—importa o mesmo que dizer-se que alguém provocou um rival para um duelo que leve por origem desconfiança da fidelidade de uma Duquesa ou de uma antediluviana!

Quaes os motivos razoaveis em que se legitima a necessidade das duas medidas de que se occupa a transferencia da barreira e a desapropriação da ponte? Ora!... Os q' apresentou o contendor não convencem, são até impropriedades, por quanto, apresenta o illustre contendor, em primeiro lugar, o imposto adicional de 10 0/0 (substituto do de barreiras) que cobra a provincia de São Paulo, pelos productos e passageiros que transitam pela linha ferrea S. Paulo e Rio de Janeiro. Ora não é isto raxo bastante para clamar-se; por quanto, assim como Lorena, outros pontos, em identicas circumstancias, também submettem-se a esse onus Cachoeira não o pagamos, como diz, é simplesmente por que não nos utilizamos da linha ferrea do norte. É uma circumstancia de lugar, independente, natural e alieia inteiramente á nossa vontade.

O nosso contendor, ou está mal informado, o que não cremos, ou o que é real—avança proposições que jamais poderá provar; por quanto diz que alem da imposição do imposto adicional uma outra se levanta contra Lorena, pela barreira do Piquete!

Acaso ignora o illustre contendor que não somente o commercio do sul de Minas como os seus moradores do municipio do Cruzeiro e circumvizinhanças de Cachoeira pagam a mesma taxa que se paga na barreira do Piquete?

Não conhece acaso a existencia da Agencia da referida barreira do Piquete na estrada de Cachoeira, pela estrada que vem da Villa do Cruzeiro? Não sabe acaso que é agente d'aquella repartição o sr. José Luiz Ferreira de Magalhães, caracter circunspeto e honrado que cumpre á risca com os seus deveres de Agente da Barreira na estrada que communica Cachoeira com a Villa do Cruzeiro?

Contem, entretanto, que nos entendamos claramente.

Não somos de opinião, e jamais o seremos que as populações dos municipios de Lorena e Cruzeiro sejam vedadas á contribuir damente para os cofres provinciaes, não; é justamente por esse motivo que clamamos contra a transferencia da barreira do Piquete para a estrada do Cruzeiro, por quanto, á realizar-se essa hypothese, os productos do sul de Minas, que estão sujeitos á essa contribuição—procurarão evitar á barreira aqui collocada—desviando-se para Lorena e estagio do Cruzeiro, restando-nos á penas aqui a população municipal, por isso que a de fôra optaria sem duvida por aquelles pontos que lhe forem mais economicos. Ora é evidente que isto importa prejuizo aos cofres provinciaes, como bem o dissemos.

É encarada a questão debaixo d'este ponto de vista que combatesmos e combateremos á transferencia da barreira do Piquete. Sim, por que ella uma vez collocada nas immedias da nossa povoação—torra-se-lhe para o commercio de Minas um verdadeiro espantallo que o fã convergir todo para Lorena, com grave do nosso commercio local, o que é ardentemente desejado por aquelles que se jactam de não querer applicar a pena da taxa, e de não descer á questões mesquinhas e odiosas de politicas.

Declaramos ao nosso illustre contendor que o Echo Municipal tem bastante liberdade de arguição, independencia e intima convicção dos seus actos, e que para proceder não procura auxiliar e nem presta contas á sociedades capitalistas ou fazendeiros.

Temos sim que prestar contas ao publico Cachoeirense especialmente, e por conseguinte advogamos sim a causa santa e nobre de uma população inteira e não a de individualidades como pretende o nosso contendor. Em quanto á ponte do Focinho, dizemos o que é vóz geral—que ella ameaça proxima ruína; e se nos apadrinharmos como diz o nosso contradiçtor, com o consta-nos... ainda

dizemos a verdade, por isso que materialmente não a conhecemos, diz-se por ali que ella ameaça ruína. Não é culpa nossa, e nem ideamos, embora que dotados de imaginação ardente, na opinião felizmente só do nosso illustre oppositor.

Quem pretende apadrinhar-se, quem pretende mesclar uma causa com outra, uma questão de geral interesse com interesses pouco confissaveis e passaveis é ainda somente o nosso adversario.

E nem se venha dizer com emphase que procuramos trazer a questão veniente para o campo da politica mesquinha e odiosa! Não merecemos um tão pouco isocroico concilio; por quanto, assim como tivemos occasião de referir-nos a um chefe conservador de Lorena, o faziamos com a mesma isenção do animo si se tratasse de um chefe de politica opposta, como temos dado mais de uma evidente e frizante prova.

É tão attentorio contra os nossos direitos, ou antes contra os direitos da população da Cachoeira, o projecto da transferencia da barreira do Piquete para a estrada do Cruzeiro, e andamos tão alheios á questões politicas, que como nãso estão os mais conspicuos vultos conservadores de Cachoeira e Cruzeiro, sendo até certo que alguns d'esses illustres cavalheiros, esposando a causa que defendemos com toda a convicção de estar do nosso lado a razão, tem-se dirigido á seus correligionarios pedindo-lhes recomendação do acto que projectam e que discutem na Assembléa, tendente á transferencia da barreira do Piquete.

Essa fatal transferencia, se acaso fesse realizada que benedictos traria!—Um unico: a abertura franca e livre das estradas da Lorena. Mas traria um grande mal: a obstrução da que demanda Cachoeira, e por conseguinte o affastamento do commercio Mineiro—d'ahi para aquella cidade.

E nem supponham os Cruzoienses que o seu municipio ficaria isento da taxa de semelhante barreira: tal isenção de direitos só se refere, ao que nos informam, aos felizes habitantes da tentadora Lorena.

Sabemos ainda por pessoa da inteiro criterio, e que tomara parte muito directa na apresentação do projecto ao sr. dr. Almeida Nogueira, que os dignos fazendeiros residentes no Piquete não exigiam, não iam pedir ao illustre Deputado transferencia de barreira e sim a supressão d'aquelle registro que vexa a laboriosa população d'aquella zona cafeeira.—Mas, como infelizmente as melhores intenções são as mais das vezes adulteradas, tracta-se na Assembléa não do que é devido e pedido—e talvez por outra figura de dicção se tome uma causa por outra, isto é: transferencia por supressão.

E, pois, attentorio contra os direitos de duas populações unidas—de Cachoeira e Cruzeiro sensuante inoportuno projecto da transferencia da barreira do Piquete. Supprimam-na—sendo possivel: isso importará um grande beneficio para Lorena, Cachoeira, Piquete e Cruzeiro com igualdade de direitos; mas transferir-a para aqui, isso seria não só um attentado, si não uma affronta ao Municipio do Cruzeiro, que fôra esquecido da isenção da taxa, e o pronuncio fatidico da nossa decadencia.

Assim, pois, mais uma vez, em nome das briosas populações de Cachoeira e Cruzeiro protestamos contra tão intempestiva medida—que, entretanto, temos toda a fé, não será levada a effeito pelo illustro actual sr. dr. Presidente da Provincia.

Gremos ter d'este modo provado evidentemente que foi assaz injusto para com nosco o illustre contendor e que se ha exaltação de espirito e ardencia de insinuação—estão sim no animo do nosso illustro oppositor, a quem pedimos venia para dizer-lhe:

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

13 de Abril de 1879.

RESURREIÇÃO

Commemora-se hoje no orbe catholico a resurreição do Christo.

Quão edificantes exemplos não veio dar ao homem até então com instinctos de fera—esse sublime Redemptor da Humanidade!

O sangue do Justo derramado para lavar a negra mancha do genero humano, e libertar-o da morte eterna!

Quanta abnegação! Inimitavel amor e devoção pela primeira, pela mais perfeita e ainda pela mais peccaminosa das creações.

O homem, sendo feito a Imagem de Deus, fôra entretanto aquella de suas divinas produções a que mais se affastara da sua augusta e nobre missão.

Obtuso conservou-se no seu estado de trevas, estacou: não passou de bruto homem exorbitante e cavando a sua ruína, fôra desleal e ingrato; foi alem: renegou e vendeu Aquelle em Quem deveria ter sempre reconhecido a encarnação do Espirito Santo!

Peccou.

E entretanto o presciente, o Supremo Author dos Mundos ainda em via-lhe em socorro um Supremo Libertador.

Dos profundos antros do peccado, da eterna condemnação foi arrancado pelas sacratissimas mãos do filho do Eterno, pelo admiravel e amoroso filho de Maria.

O Homem-Deus, o Homem philosopho, o prometido Libertador disponha nos horisontes horridos e tenebrosos da humanidade. Uma luz mais diaphana e nunca vista se faz no Universo. Mais uma luminosa e scintillante estrella ostenta-se fulgente no firmamento. Por ella são conduzidos a Bethlem os peregrinos Magos.

A humanidade convulsa e trasejordando de inapreciavel e pouco vulgar contentamento abre os braços ao Divino Filho de Maria—e no amplexo que deveria estreitar Aquelle Divino Mediador vae disfarçado um punhal, punhal deicida que mais tarde deveria ser aquella que faria correr o precioso sangue do primeiro Martyr, do Divino Martyr do Golgotha!

Estulta Humanidade! que fazes?—Chora, qual Magdalena arrepentida a negrura de tuas culpas.

Procura com obras, com palavras, com pensamentos—atenuar a diffididade dos teus crimes!

E no dia em que se commemora a victoria do Espirito sobre a materia, no dia em que o homem fôra arrancado das garras de Satan para o reino de Deus, no dia em que o Eterno estabeleceu que o homem tera uma outra vi-la alem da terrena—prostrate humilhado e agradecido, levanta para os seus olhos de peccador contrito e arrependido, então mil hymnos de adoração ao Creador e diz com nosos: Gloria a Deus nas Alturas e Paz aos homens na terra.

—LORENA—

Cachoeira, 13 de Abril de 1879.

No Jornal do Commercio de 4 do corrente, em secção particular vem um artigo, com a epigrapha Lorena, sob cuja macia phrasologia, um anonymo e illustre contendor, procura não somente combater as nossas palavras relativamente a alta inconveniencia da transferencia da barreira do Piquete para a estrada que do Cruzeiro se dirige a Cachoeira, si não ainda attribuindo-nos intenções que não tivemos, procura lançar-nos o odio que não merecemos.

Antes, porém de entrar em apreciações a respeito, convenha que declaramos ao illustre contendor que conhecemos bem de perto, si não a penna altissima que, qual espadinha invencivel de Napoleão apresenta-se na arena da livre discussão com o intuito de combater-nos, ao menos a sua assaz cunhada e espirito refinado, atilado, perspicaz, ironico e joco-serio d'aquelle que maior parte toma e mais interesse mostra ter pelo triumpho das suas sophisticas ideias e com razão, pois que vivemos em um seculo egoista por excellencia.

De anteaum sabiamos que o sympathico physico que é animado por aquelle espirito a que já nos referimos, por uma alma nobremente matreira e fuziz, não deixaria de pronunciar, ao ler o nosso editorial, estas textuosas palavras: «Não fica sem resposta.»

Começa o illustre contendor não querendo admitir que circule com honras de verdade tudo quanto avançamos em nosso editorial sobre a transferencia da barreira do Piquete. Desafiámos ao antagonista que, discutindo seriamente, e não lançando mão de manifesto sophisma, reduza á interpretação do conteúdo do nosso artigo. Talvez que o consiga no memorando dia da inauguração da barreira do Piquete para a estrada do Cruzeiro.

Protesta em seguida contra o procedimento do articulista que, com quizesco arreigamento etc....

Lembramos ao nosso contendor que fora infeliz na applicação do qualificativo adjectivo qualificativo quizesco não nos cabe: asseriamos melhor si se referisse a algum cujo abdomen fosse igual ou superior ao de D. Quixote.

Ciames! diz o illustre contendor! Ciames! Acaso algum persuade-se seriamente que se possa ter ciames de Lorena? Aceitamos essa proposição como verdadeira e spiritista; porque realmente diz-se que algum sente ciames

pela carunchosa Hepacaré—importa o mesmo que dizer-se que algum provocou um rival para um duelo que teve por origem desconfinanças da fidelidade de uma Dulcinéia ou antediluviana!

Quaes os motivos racionais em que se legitima a necessidade das duas medidas de que se occupa—a transferencia da barreira e a desapropriação da ponte? Ora!... Os q' apresentou o contendor não convenceram. Os q' apresentamos, por quanto, apresenta o illustre contendor, em primeiro lugar, o imposto adicional de 100/g (substituto do de barreiras) que cobra a provincia de São Paulo, pelos productos e passageiros que transitam pela linha ferrea S. Paulo e Rio de Janeiro. Ora não é isto razão bastante para clamar-se; por quanto, assim como Lorena, outros pontos, em identicas circumstancias, também submettem-se a esse onus assim como a taxa de barreiras; e se nós em Cachoeira não o pagamos, como diz, é simplesmente por que não nos utilizamos da linha ferrea do norte. É uma circumstancia de lugar, independente, natural e alheia inteiramente a nossa vontade.

O nosso contendor, ou está mal informado, ou que não cremos, ou o que é real—avança proposições que jamais poderá provar; por quanto diz que alem da imposição do imposto adicional, uma outra se levanta contra Lorena, pela barreira do Piquete!

Acaso ignora o illustre contendor que não somente o commercio do sul de Minas, como os estabelecimentos moradores do municipio do Cruzeiro e circunvizinhanças de Cachoeira pagam a mesma taxa que se paga na barreira do Piquete?

Não conhece acaso a existencia da Agência da referida barreira do Piquete na entrada de Cachoeira, pela estrada que vem da Villa do Cruzeiro? Não sabe acaso que é agente d'aquella repartição o sr. José Luiz Ferreira de Magalhães, caracter circumspecto e honrado que cumpre a rigor com os seus deveres de Agente da barreira na estrada que communica Cachoeira com a Villa do Cruzeiro?

Convenm, entretanto, que nos entendamos claramente. Não somos de opinião, e jamais o seremos que as populações dos municipios de Lorena e Cruzeiro sejam verdadeiras a contribuir duplamente para os cofres provinciais, não; e é justamente por esse motivo que clamamos contra a transferencia da barreira do Piquete para a estrada do Cruzeiro, por quanto, a realizar-se essa hypothese, os productos do sul de Minas, que estão sujeitos a essa contribuição—procurarão evitar a barreira aqui collocada—desviando-se para Lorena e estação do Cruzeiro, restando-nos a penas aqui a população municipal, por isso que a de fora optaria sem duvida por aquelles pontos que lhe forem mais economicos. Ora é evidente que isto importa prejuizo aos cofres provinciais, como bem o dissemos.

É encarada a questão debaixo d'este ponto de vista que combatemos e combateremos a transferencia da barreira do Piquete. Sim, por que ella uma vez collocada nas immedições da nossa povoação—tornar-se-lia para o commercio de Minas um verdadeiro espantilho que o faria convergir todo para Lorena, com grave prejuizo do nosso commercio local, o que é ardentemente desejado por aquelles que se jactam de não querer applicar a pena de taliao, e de não descer a questões mesquinhas e odiosas de politica.

Declaramos ao nosso illustre contendor que o Echo Municipal tem bastante liberdade do arco, independencia e intima convicção dos seus actos, e que para proceder não procura auxiliar e nem presta contas a associados capitalistas ou fazendeiros.

Temos sim que prestar contas ao publico Cachoeirense especialmente, e por conseguinte advogamos sim a causa santa e nobre de uma população inteira e não a de individualidades como pretende o nosso contendor.

Em quanto a ponte do Rocinlo, dizemos o que é voz geral:—que ella ameaça proxima ruina; e se nos apadrimos como diz o nosso contrador, com o consta-nos... diz o

dizemos a verdade, por isso que materialmente não a conhecemos. Diz-se por ali que ella ameaça ruina. Não é culpa nossa, e nem ideamos, embora que dotados de imaginação ardente, na opinião felizmente só do nosso illustre oppositor.

Quem pretende apadrimhar-se, quem pretende inocular uma cousa com outra, uma questão de geral interesse com interesses pouco confessaveis e passaveis é ainda somente o nosso adversario.

E nem se venha dizer com emphase que procuramos trazer a questão vertente para o campo da politica mesquinha e odiosa! Não merecemos um tão pouco lisongeiro conceito; por quanto, assim como tivemos occasião de referir-nos a um chefe conservador de Lorena, o faziamos com a mesma intenção de animo si se tratasse de um chefe de politica opposta, como temos dado mais de uma evidente e frisanle prova.

É tão attentatorio contra os nossos direitos, ou antes contra os direitos da população da Cachoeira, o projecto da transferencia da barreira do Piquete para a estrada do Cruzeiro, e andamos tão alheios a questões politicas, que com nosos olhos os mais conspiciosos vultos conservadores de Cachoeira e Cruzeiro, sendo até certo que alguns d'esses illustres cavalheiros, expondo a causa que defendemos com toda a convicção de estar do nosso lado a razão, tem-se dirigido a seus correligionarios pedindo-lhes reconhecimento do acto que projectam e que discutem na Assembléa, tendente a transferencia da barreira do Piquete.

Essa fatal transferencia, se acaso fesse realidade, que beneficios traria? Um unico:—a abertura franca e livre das estradas de Lorena. Mas traria um grande mal:—a obstrução da que demanda Cachoeira, e por conseguinte o afastamento do commercio Mineiro—d'aqui para aquella cidade.

E nem supponham os Cruzeiroenses que o seu municipio ficaria isento da taxa de semelhante barreira: tal isenção de direitos só se refere, ao que nos informam, aos felizes habitantes da tentadilha Lorena.

Sabemos ainda por pessoa de inteiro criterio, e que tomara parte muito directa na apresentação do projecto ao sr. dr. Almeida Nogueira, que os dignos fazendeiros residentes no Piquete não exigiam, não iam pedir ao illustre Deputado transferencia da barreira e sim a suppressão d'aquelle registro que vexa a laboriosa população d'aquella zona cafeeira.—Mas, como infelizmente as melhores intenções são as mais das vezes adultradas, tracta-se na Assembléa não do que é devido e pedido—e talvez por uma figura de dicção se toma uma cousa por outra, isto é: transferencia por suppressão.

E, pois, attentatorio contra os direitos de duas populações unidas—de Cachoeira e Cruzeiro semelhante inoportuno projecto de transferencia da barreira do Piquete. Supprimam-n'a—sendo possível: isso importaria um grande beneficio para Lorena, Cachoeira, Piquete e Cruzeiro com igualdade de direitos; mas transferi-la para aqui, isso seria não só um attentado, si não uma affronta ao Municipio do Cruzeiro, que fôra esquecido da recção da taxa, e o prenuncio fatidico da nossa decadencia.

Assim, pois, mais uma vez, em nome das briosas populações de Cachoeira e Cruzeiro protestamos contra tão intempestiva medida—que entretanto, temos toda a fé, não será levada a effecto pelo illustre actual sr. dr. Presidente da Provincia.

Quem ter d'esto modo provado evidentemente que foi assaz injusto para com nosco o illustre contendor e que se ha exaltação de espirito e ardência de imaginação—estão sim no animo do nosso illustre oppositor, a quem pedimos venia para dizer-lhe:

Da discussão nasce a luz. Dessejamos, pois, que com a sua recenhecida e provada erudição vá a discussão calmo quanto possível, e que se digna esclarecer-nos convencendos-nos, mas nunca satyriando.

N'este terreno a questão muda de face.

NOTICIARIO

Espancamento.—Em additivo á noticia que sobre este epigraphe demos em o n.º passado d'esta folha, temos a acrescentar que a autoridade prosegue em averiguações, tendo para esse fim inquirido algumas testemunhas, cujos depoimentos nos parecem que tem esclarecido alguma tanto as circumstancias do facto. Não esperavamos outro procedimento das nossas autoridades policiaes.

Ao nosso recto e prestante Provedor Publico da Comarca, sr. dr. José Ignacio de Macedo, magistrado de 1.ª ordem, recto e justiciero, e que na sua função e respeito á lei tóca á ordem e tranquilidade em que marcha a nossa sociedade, e o qual mais o não ficarem sepultados no oblivido, ou sob a capa protectora da misericórdia muitos crimes importantes.

Não incensamos! Fazemos justiça, e para prova do quanto dizemos ali estão factos bem eloquentes que attestam o que vimos de dizer.

Macrobia.—Em um dos ultimos dias do mez de Março passado falleceu Anna de Camargo, viuva, antiga moradora do Bairro do Palmital pertencente a esta freguezia, contando a bagatella de 130 annos! Até aos seus ultimos momentos

esteve no gozo perfeito de suas faculdades mentaes, tanto que fora confessada, ungida e sacramentada em vespersas de sua morte por S. Rvma. o sr. Padre Antonio C. Ribeiro, muito digno Vigario d'esta Parochia.

Camara Municipal do Cruzeiro.—De conformidade com a representação que fizemos contra o acto da Camara M. do Cruzeiro, representação que, posto fuisse datada de 19 de Março passado, só a podemos remetter no dia 29, S. Ex. o sr. dr. Presidente da Provincia em data de 31 do mesmo mez remetteu a referida representação e documentos que a acompanhavam—á Camara do Cruzeiro para que esta com urgencia informe sobre as allegações que fazemos, na intelligencia de que a serem procedentes as nossas razões, importa faltas sobre as quaes aquella Presidencia terá que providenciar.

Alem dos documentos que acompanharam a nossa primeira representação remettemos mais os quatro ultimos e importantes attestados que publicamos em o n.º precedente de nossa folha, ao mesmo exm. sr. dr. Presidente, a cuja consideração submettemos mais aquellos valiosos documentos, em vista dos quaes ficou evidentemente provado que fomos victima dos caprichos do regulo do Cruzeiro e da passividade deploravel e nunca vista dos mais vereadores da Camara, que o acompanharam.

O que informará a Camara a S. Ex. em attenção do acto arbitrario que aquella edilidade praticou em referencia a nós?—Veremos.

Policia local.—Ordena-nos o dever que façamos publico que

já tivemos a nossa localidade bem policiada como v'ê actualmente.

Com a vinda para aqui do illustre commandante da Policia sr. Alfes Antonio Joaquim de Pinho cessaram como por encanto os disturbios e os motins. Sempre dissemos e ainda repetimos: a nossa população não é facciosa como alguém pretende, ao contrario é pacifica e respeitadora das leis e da ordem, mereça realmente, como merece a actual, este qualificativo. Não acontecia outro tanto com o antigo destacamento que, por felicidade nossa, foi recolhido ao corpo da guarda da Capital, e cujas guardas eram na realidade *bons guardas das tabernas*, e o seu celeberrimo commandante genuino apostolo de Bacheo.

O sr. Alfes Pinho, porem, actual digno commandante Policial, alem de ser um delicado cavalheiro, de fina educação e trato affvel e cortez, é ainda um verdadeiro militar, assaz zeloso dos seus melindrosos deveres, dos quaes se compenetra com stricta austeridade.

Um voto de reconhecimento é pois devido, e esta redacção dirige a s. exa. o sr. dr. Chefe da Policia e as nossas autoridades locais por haverem d'estarte concorrido para o restabelecimento da ordem e da tranquillidade publicas.

Baile.—Deve hoje realizar-se o baile que pretende dar o Bello-Sexo d'esta florissante localidade.

Desejamos ardientemente que os convydas que concorrerem para esta festa feminina—deven d'ella tão gra-

tas e sandosas recordações, que jamais se apague em seus corações o memorando dia 13 de Abril de 1879.

Capella de Santa Cruz.—Como já noticiámos, o prestante sr. Dr. Ildefonso Ascario de Azevedo prosegue em meios de alviantar a preciza quantia para o concerto da capella de S. Cruz n'esta freguezia. Creou-se uma commissão para angariar donativos para esse piedoso fim, cuja commissão compõe-se dos srs:—Dr. Ildefonso Ascario de Azevedo, Manoel Saturnino de Seixas, José Luiz Ferreira de Magalhães, Francisco Fernandes Guimarães, Manoel Marques Pinto, João Rodrigues Correia, Bento Alves de Moura Coelho e João Antonio de O. Porto.

Lembramos a s.s. s.s. que existe ali por cobrir-se não pequena terra que era destinada ás victimas da seca do Ceará, e que tendo deixado de seguir o respectivo destino, por não haverem os devedores entrado em tempo com seus debitos, poderia agora ser com vantagem applicada em beneficio das obras do sr. Bom Jezus. Os membros da commissão acima, devem, pois, entender-se á esse respeito com os srs. Paulino Carlotto Ribeiro e Brailio Muniz Dias da Cruz, os quaes, sem duvida, approvarão a nossa iniciativa.

Movimento d'esta Parochia no mez de Março.

Baptizados livres

Dia 9 —Rosa, filha de João Thomz Pires e de Maria E. de Jezus.
« 19 —Emelinda, filha de José da S. Filho e de Delfina A. da Silva.

Depois sorriu-se e d'este primeiro sorriso, que foi no mundo a aurora da ventura, nasceu tambem no coração do homem a tern e sempre vi-
rente illusão do amor.

V

Mas n'isto fathoraram as folhas e um perfume almiscarou os ares; vinha vindo a serpente a rastejar por terra e a fazer brilhar ao sol as dou-
radas escamas; na fixidez do olhar puzera-lhe o anjo máu todas as tenta-
ções do inferno.

Seguiu-lhe o rasto maldito a graciosa Eva; seduzira-a aquelle brilho-ficticio, parecera-lhe humilha-
de aquelle rast-jar.

Enão o rei da criação, o homem primario que sahira das proprias mãos do Onnipotente, corvou a fronte submisso e deixou cabir do cílio a primeira lagrima de angustia.

VI

Começou assim a epopeia do coração humano, o eterno poema do amor; eis a menenciha que adormece e mata as illusões e ao desditoso que perdeu crentes e miragens do futuro só resta o roseo espinho que na ponta do dedo da mulher Satan poz a se sorrir.

Leitão Junior.

FOLHETIM

O POEMA DO EDEN

*Tout au bout du doigt rose
Mit un ongle en souriant.*
—F. Hugo.

I

Já os sóes brilhavam no espaço e o mar bramava nas costas e os vulcões rugiam nos subterraneos covis, quando á mente do Senhor veio a idea de ercar o homem. Copiou-o e fel-o á sua imagem, diz a lenda biblica, que é uma formosa lenda, e depois com um sopro de seu hálito infundiu-lhe uma parvula migalha de seu poderoso e divino espirito.

Quando a creatura, sentindo a vida, começou a divagar pelo maravilhoso eden da criação, a admiração, o espanto e o pasmo turbram-lhe o corpo, mas calmo e tranquillo, o primeiro homem continuou a pesquisar sem commoção os admiraveis artefactos da sciencia do Omnipotente.

Viu o rio maravilhoso e a neve do monte e a chuva do céu; viu a sem-
ante do arborescente e a arvore do bosque; viu o doce fructo da laranjeira; mirou, no crystal de limpida fonte, mcr-
nha a vista nas confinas do horizon-
to, subiu no cumo das alpestres
serenas; depois fatigado foi repou-

sar á sombra do arvoredo sem que o commovesse tão rara perfeição, sem que o abalasse a magnificencia de tanta grandeza.

Elle tinha o vacuo no peito.

II

Sobre um throno fulgido de estrelas, o Creador vigiava do alto os primeiros passos de sua creatura; conheceu-lhe as agonias e apiedou-se de tanta angustia.

Desceu á terra e rodeado de anjos que lhe traziam lyrios e rosas, o poderoso Deus fez outra figura de mais gracioso semblante e de mais correcção de formas. Para preencher-lhe o peito, modelou-lhe um coração com as mais puras violetas do valle, e nos olhos, fôco perenne de venturas, accendeu a luz vivida da mais brilhante estrella do firmamento.

Assim, da bondade eterna do Senhor surgiu o vulto encantador da mulher, a graciosa Eva da escriptura, aquella que completa a vida, na phrase do legislador bramitoico.

III

Quando o espirito celeste de novo remontou-se á altissima morada, aquelle esplendido Lusbel, que fora outrora o fulgido archanjo da dor-
dos anjos, desdobrou o vôo sinistro para a terra. Chegou ao sombro-

ro sitio onde á pouca haviam soado as angelicas choréas, e estacou a admirar a formosa visão que por ultimo fabricara o Summo Artista! Por fim sorriu-se e logo dando corpo á infernal idea, vinca do roseo dedo da formosa creatura poz um espinho da mesma rosa e no coração d'ella—
uma purissima violeta que era—dei-
toou uma gotta do doce e venenoso succo da manenciha.

Estendeu elle d'este modo o seu poder sobre a humanidade futura; deu garras á ponha e no sacario da ventura puzera as voluptuosidades de um somno precursoras da morte do sentimento.

IV

Ao levantar-se do profundo tor-
per, o homem da criação, apenas começava a divagar pelos ermos quando veio-lhe ao diante a bellissima consorte com que o dotara o Senhor.

Caminhou então pressuroso, já mais précpite pulsava-lhe o coração e no tremor das mãos e no desvario do olhar, transbordava a commoção. Tomou-a nos braços e cila desprendeu a voz, mais doce do que o canto da philomella, pois afinara-lhe o timbre sonoro o mais potente dos archanjos do céu.

« Dia 20—João, filho de João F. Machado e de Maria Benedicta.
« 30—Maria, filha de Luiz da Conceição.

Ingenuos.

« 2—Faustino, filho de Inhorencia, escrava do sr. B. J. da S. Ortiz.
« —João, filho de Maria, escrava de D. Quiteria M. de J. Ortiz.
« 19—Domingos, filho de Josepha, escrava de Joaquim Anacleto.
« 20—Baltino, filho de Felicia, escrava de Maria P. de Jesus.
« 23—Arthur, filho de Marianna, escrava de F. J. Gomes S. Junior.
« 26—Eufrazia, filha de Eva, escrava de Silverio R. dos Santos.

Obitos livres no mesmo mez

« 3—Benedicto, 2 dias, filho de Paulina M. da Conceição.
« 8—Raphael José de Pinho, Portu-guez, solteiro, Congestão.
« 9—Maria, filha de Anna Florinda, Dentição.
« —Josanna, filha de S. Anna, fallecido de coqueluche.
« 10—Antonio, filho de Idalina, Dentição.
« 13—Isabel, viúva de Luiz de Tal, Suppensão de locúlios.
« 17—Felisbino, filho de Apolario J. Soares, Diarrheia.
« —Anna de Camargo, viúva 130 annos, inflammation do estomago.
« 19—Seraphim A. Gonçalves, casado, Morphia.

Ingenuos

« 18—Rufina, 2 annos, filha de Anna, escrava de J. A. Nogueira de Sá, Coqueluche.

Variedades

A Inzinja azulada

Conto

Branca era a moça mais linda e conhecida d'aquelles arredores. Quem alli a igualava em graça e gentileza? Quem não lhe distinguia no turbilhão revoltado das moças bonitas, nos bailes campestres os pezuinhos de gazella á resvalarem ligeiros pela relva escorregadia, e a voz argentina levando de vencida a qualquer outra que se atrevesse a entrar em desafio com si? Os olhos negros e rasgados, óra languens, óra chiapantes, os cabellos bastos, espessos, brincando-lhe no pudibundo seio, os dentes alvissimos nos sorrisos de innocencia, tinham expressão tal, eram tão pouco communs, que o todo da gentil moça jamais sahiria da imaginação de quem a visse uma vez. Além de tudo, ella possuía um excellente coração. Os pobres da Villa chamavam-na Anjo de Caridade, os moços apaixonados davam-lhe os epithetos que soem dar, e era para ver como as avezinhas voltavam-lhe em torno da janella e iam-lhe tirar d'entre os rosados dedos o grão que sorrindo ella lhes offerencia. Branca, porem á pár de tanta belleza e bondade, dir-se-hia uma menina caprichosa, ria-se sem

piiedade de todos que lhe fallavam em amor e era com admiração que se contava a resposta que dera a um rico pretendente:

—Casar-me? pois como! E meu bom pae envelhecido, cuja felicidade inteira se resume em mim! Hei de repartir com outro homem esses carinhos que inteiros lhe cabem?... Oh não! que muito me ama meu bom pae...

Mas era impossível que a gentil Branca padesse olhar sempre indifferente o entusiasmo que causava. Era impossível que não lhe chegasse o dia em que devia pagar o inevitavel tributo.

Ella tinha então quinze annos. Seus contornos diluando-se cada vez mais delicados faziam esquecer a fascinação da moça bonita.

Seu coração refulgencia vigoroso, e ella que guiava os passos incertos do seu velho pai voltara uma occasião entristecida da Capella, onde fora assistir á festa que se fazia em louvor da Senhora da Conceição.

A moça já não trizia o mesygar e alegria garrula da creança desceida, ao lado do avô e de vistas baixas ella, ordinariamente tão expansiva, só lhe respondia por monosyllabos.

Era que os olhos de Branca ao entrar para a Capella se haviam encontrado ainda uma vez com o olhar imperfido de Antonio que, não obstante rápido como o pensamento, a deixara impressionada e arrebatada-lhe para um mundo de devaneios o espirito indifferente.

Para Antonio estava reservado todo aquelle paraíso de delicias, seu rosto pallido e melancolico deveria somente captivar o espirito esquivo de Branca; e no entanto, longe de orgulho e alegria, só lhe acobronhava a alma muito tristeza ao conhecer elle o sentimento que começava a germinar-lhe dentro.

Era que Antonio e Branca amavam-se já de muito: mas entre elles, tirando todos os sonhos de namorados—levantava-se um phantasma inexorável—o odio tradicional que existia entre as familias dos seus primeiros avós.

Mas o que sentia a moça que seu pai não admittiasse logo?

O contentamento que no dia de Anjo Bom mostrava Branca, esperando seu querido Antonio explicava facilmente a reconcição dos dois velhos. Seu pai havia procurado o d'elle e dando-se as mãos, abraçaram-se entre lagrimas de arrependimento, e risos de satisfação:

—Para que prolongar além do tumulto que nos espera esse odio já sem razão?

Por isso Branca recostada á janella d'onde ouvia os primeiros protestos de amor do seu querido Antonio, bastante motivo tinha para esperar o ancioso...

—Mas elle por que tarda tanto? Por que não vem apressado lançar-se nos braços de sua Branca?

Isto dizia ella lançando de novo os olhos para as montanhas do norte d'onde costumava descer o namorado rapaz.

O rouxinol pousado no ramo da laranjeira parecia dizer-lhe em seus cantos:

—E' já tarde!

Mas Branca ao mesmo tempo adivinhava com graça para sobre os hombros os cabelos em desalinho e

dizia satisfeita:

—E' cedo ainda!

As sambras da noite succediam ao crepusculo, a luz cerada do um disco vermelho levantava-se no horizonte, e Branca respondia sempre ao canto do rouxinol:—E' cedo ainda!

Um grito agudo veio ferir-lhe os ouvidos, mas ella olhando as montanhas e escutando attenta, nada vio que lhe indicasse a aproximação de quem tanto desejava:

—Foi mentira! E' cedo ainda!

Com tudo, sem que quizesse, a voz tornava-se-lhe cada vez mais fraca, o coração palpitava-lhe cuidadoso e os labios balbuciavam tremendo:—E' cedo ainda!

O velho relógio annunciava meia noite; a luz esconden-se entre as nuvens do céu; e o rouxinol em seus ultimos cantos parecia dizer agora:

—E' tarde de mais!

Com effeito, era já tarde. Pelos olhos vermelhos de Branca desliziavam-se duas lagrimas ardentes e ella cheia de dôr exclamou fechando a janella:

—E' tarde já!

Indo d'alli ajoelhar-se aos pés da Virgem, adormecida rogando-lhe que desgracá alguma tivesse n'aquella noite desviado os passos de seu amante.

(Continuar-se ha.)

Um Martyr

CONTO ORIGINAL POR

Catania Reperai.

Offerecido á

Eutíria d'Albútra

IV

« Depois desta revelação, que viera tão rapida acordar em mim um sentimento novo, mas ineffavel de ventura e prazer, principiei logo um martyrio pungente, longo e continuado, descontento apenas a principio por um sorriso curto, mas que minha alma comprehendia, por uma palavra só, mas que me fallava ao coração, por uma carta breve, mas eloquente e melga.

« D'mais, era sempre uma luta constante diante de todos e por tudo, para realçar no coração esse sentimento, que anhelava por fazer transparecer no rosto, que me ufanaria por fazer conhecido do mundo o fútero.

« Fugira-me a cor das faces, encovaram-se-me os olhos, desappareceu-me o riso dos labios.

« A' par d'isto veio tambem a lembrança de que era pobre. Se eu tivera um futuro!... Mas que futuro podia esperar?... Não era então uma loucura, não era uma infamia talvez, arrastar uma mulher, que amava, á um porvir de miséria e pobreza?...

« E depois seria o seu amor tão forte para resistir a elle? Não seria mesmo o encontrar em mim um pouco mais carinho do que nos outros, que lhe cegaria os olhos, que illudiria o coração?... Amar-me-hia ella?... E eu... não teria eu mesmo sido fascinado por essa voz melodiosa e supplicante, não teria eu mesmo confundido o grato sentimento da amizade e compaixão com o amor?...

« Este incessante lutar, este in-

cessante duvidar até de mim mesmo, enervava-me o corpo. Alta noite desagrava-rô e triste pelas ruas ermas da cidade; horas inteiras passava-as com as mãos enlaçadas, sustendo a fronte desfallecida a debater me com os meus pensamentos. Meu somno era desascegado e breve; meus sonhos eram meus e tristes. Aborrecia-me o estudo, aborrecia-me o mundo, aborrecia-me a vida, aborrecia-me até as queixas de meu pai, pela falta das minhas cartas.

« Albertina porem passava como indifferente ao meu soffrer; a mesma alegria não lhe fugia dos labios, a mesma confiança não lhe desertava do coração.

« Um dia disse-me ella:

—Alípio, como me sinto feliz de ter sacrificado um futuro brillante pelo teu amor!

—Tu...

—Sim, eu. Não sabes? Haviam um rapaz brasileiro muito rico, e que gostava muito de mim; um destes dias supplicou-me, que lhe deixasse pedir a minha mão a meus pais. Pareceu que o homem tiol mais de dousentos contos...

—E elle pediu-te isso?

—Pedi, sim; mas eu recusei, Alípio.

—Fizes-te mal, Albertina.

—Pois dizes-me que fiz mal?...

—Digo, sim. Sabes se terás sempre a força de me não lançares em rosto esse sacrificio? Sabes se me amarás a tal ponto, e quizes-te-me fazer pesar com essa responsabilidade?...

« Caíste-se; mas aquella confiança fez-me mal. Como lhe fallará o tal moço brasileiro? E seria isso verdade?...

« Nasceu-me então mais uma dôr no coração. Quiz acreditar n'aquelle sacrificio, mas quizera o mundo.

« Depois, d'isto, como eu cada vez parecia mais carregado e triste, principiei com mil quixadas, mil caprichos de Albertina. Um dia não me fallava, porque me vira olhando para certa mulher, outro dia desculpava-se de que E... lhe fazia a corte, mas protestava, que jamais seria correspondido; outro invocava as minhas juras e os seus sacrificios, e queixava-se da minha tristeza.

« Este continuo arrufar, que terminava sempre pelo seu arrependimento e supplicas para que a não deixasse de amar, martyrisava-me e martyrisava o meu amor.

« Tinha chegado as férias; fiz os meus exames; despedi-me d'ella e retirei-me para Peniche. Dei-lhe uma carta em que lhe dizia:—Penas, mede bem os teus sentimentos; não trizes de te prender, não procures enganar-te. Nós somos duas creanças ainda. Tu não és rica e eu sou pobre. Demais devo a meu pae o seu ultimo arrimo para a velhice, e a poder dispor de mim, nunca receberei a mão de uma mulher, sendo tendo a certeza de lhe poder assegurar um futuro; isto se algum dia o poder fazer, só tarde poderá ser. E poderás, quere-rás tu esperar? Quere-rás ainda fazer-me sacrificios eguaes aos que já me confessaste?

« Parti. Durante as férias recebi apenas duas cartas de Albertina. Viham ambas cheias de queixas. Em ambas me dizia, que não tinha

gosto para coisa alguma, que não vivia sendo para mim. Que, para ver se acharia alguma distração ao seu desgosto, tinha frequentado passeios, bailes e theatros, mas que para toda a parte a acompanhava a mesma mágoa, a tudo a seguiu a mesma dor.

«Faz-me ainda mal a confissão d'aquella souffrimento, que tenta esquecer-se em passeios, abafar-se em bailes, abrandar-se em theatros.

«Quando chegou Outubro d'este anno voltei para Lisboa, e decidi fazer morrer n'ella aquella amor, que não acreditava muito real. Para isso tractei-a cordialmente, mas não lhe dei uma palavra do passado.

«Escreveu-me uma carta cheia de amarguras e recriminações: não lhe respondi. Pôde um dia chegar á porta do meu quarto, abriu a mansamente mas fingi que a não via, que a não ouvia, e dei-me a ler na mesma posição, lendo um livro. Commetti indignidades, grosserias e baixezas. Deixei até um dia no meu quarto uma carta e um retrato d'outra mulher...

«A cada uma d'estas baixezas, que eu praticava, seguia-se oito, dez dias, em que me não fallava, e parecia até irritada; por fim o seu orgulho cedia, o seu amor proprio aniquilava-se, e vinha humilhar-se ante mim, pedindo com o rosto banhado em lagrimas, com as mãos erguidas, com a voz tremula, perdão e amor.

«Que poderia, que deveria eu fazer? Desprezar uma mulher, que se roia a nossos pés?... Oh! não o pude...

«Cançado já d'aquella luta comigo mesmo e com os meus sentimentos, lucta, que eu era o proprio a alcinhar de baixa e vil, e a envergonhar-me d'ella, repeti-lhe um dia toda a historia do nosso amor, que ella bem devia saber, repeti-lhe como tudo tinha principiado, como tudo tinha vivido oito mezes: disse-lhe, por fim, as circumstancias em que me achava, e perguntou-lhe de novo, se queria, se poderia esperar. Respondeu-me ebría de prazer, que esperaria.

Cachoeira—1879.

(Continuar-se-ha)

Collaboração

Mais uma situação perdidada

O Brazil contempla admirado o esphacelamento de um partido.

A situação creada em 5 de Janeiro de 1878, pela vontade suprema do imperador, achase em periodo gangrenoso.

As franquias governamentais, administrativas e financeiras da bandeira liberal não têm mais razão de ser no presente, em vista da grande idea salvadora—eleição directa.

Pobres litteres do rei!

A desconfiança dos intitolados representantes da nação é manifesta ao observador imparcial, e marca um cunho do servilismo repugnante, que rebaixa, e degrada os homens actuaes.

Ministros, senadores e deputados são escarnecidos solemnemente pelo chefe do imperio.

A lisonja, a vaidade e a corrupção são moedas correntes no mercado politico d'este desgraçado paiz!

Nada de serio se tem podido fazer no longo periodo administrativo do snr. d. Pedro II.

Reformas imprescindiveis, justas e necessarias hão sido retardadas, barladas e procrastinadas.

O imperio tem sido governado até o presente pelo riso mephistophelico do homem de S. Christovam, que esbofeteia rindo-se, os caracteres que se dizem emicentes.....

Quanta miseria!...

O ex-presidente do Club da Reforma e actual empreiteiro da eleição directa—do Rei, está cansado, suado e abafado com a tufa-lufa dos ambiciosos que quetem-n'o alijar para se lecupletarem, antes da debandada geral.

Porém...

E' preciso fazer-se a eleição directa, porque assim o ordena o sechior omnipotente da fazenda imperial.

E o misero partido liberal, vilipendiado, escarnecido e estragado sahirá do poder deixando nas paginas da historia mais uma folha coborta do crepe!

Que triste missão tem sido a do partido liberal...o imperio: na opposição, a favor das liberdades populares, no governo—cesariano.

Porém: liberais e conservadores são partidos que se fundem em um só—aulicos.

O throno tem tamanha atracção, que os pobres plebeus da palavra ficam fascinados, vencidos e subjugados.

E o imperador...tão mavioso homem!...tão esclarecido monarcha!...tão respeitador da constituição!...tão conhecedor dos homens!...tão sem pretensões!...tão amante do seu Brazil!...tão sabio e tão democrata!...tão... etc, etc e tal.....

Quanta bajulação!

Quanta miseria servil!...

O' geração portentosa de 7 de Abril! vinde dar alento á geração que desponha; vinde animal-a com o vosso sopro vivificador para que, assim possa ella triumphar das mazellas e corrupção do imperio!

Sombras patrióticas do passado! saeudi o pó da splendida bandeira da liberdade e conduzi este povo pela senda do dever e da justiça!

Gigante das selvas americanas! enxotai do imperial paço as aves de arribação, que vieram aninhar-se nas plagas portentosas do Brazil!

Sus! Sus! o grande dia da salvação da liberdade!

Cachoeira, 24 de Março de 1879.

Ernesto Castro.

ERTAL

O Cidadão Galdino Rodrigues

Pereira Gonlat, Juiz do Páz do corrente anno desta Freguezia de Santo Antonio da Cachoeira, na Forma da Lei.

Faço saber aos que o presente Edital virem ou delle noticias tiverem que da data deste em diante as audiencias deste Juizo, terão lugar ás terças feiras de todas as semanas na sala da casa do sr. Bento Barboza Ortiz, ás 10 horas da manhã, e para que chegue a noticia de todos mandei publicar o presente que será publicado pela imprensa do lugar. Eu José Eduardo Nogueira de Sá, Escrivão que escrevi.

Gonlat.
Cachoeira, 6 de Abril de 1879. (.)

Apedidos

Collegio Silveirense

(Para o Sexo Masculino.)

Director—Francisco Antonio Pereira da Cruz.

PROFESSOR—Dr. Francisco de Paula Barboza e o Professor Ernesto Leão Brazil.

Este estabelecimento de ensino, que já conta muitos annos de existencia, reabriu-se no dia 3 de Fevereiro, com Professores aptos para leccionar todas as materias que constituem o Curso Primario e Secundario.

Situado em uma das melhores ruas da cidade, e numa localidade saudavel, como é Silveiras, cujo clima pôde rivalizar com o dos mais saudaveis lugares da Provincia, pouco distante da Estrada de Ferro de D. Pedro 2.^o, este collegio offerece aos seus alumnos e aos snrs. chefes de Familia todas as commodidades possiveis.

O Director, correspondendo á confiança que lhe tem dispensado o publico, contractou o sr. Professor Ernesto Leão Brazil, habilitado pela Instrução Publica da Corte, ex-Director de um antigo Estabelecimento de ensino d'esta Provincia, o qual leccionará:

Portuguez
Francez (Theorica e praticamente)
Ingles ()
Latim
Arithmetica e Systema Metrico
Geographia
Historia
Philosophia (repetição) e
Rhetorica.

Alem d'esse Professor, cujas habilitações a maior parte dos snrs. chefes de Familia já conhece, o sr. Dr. Paula Barboza leccionará:

Latim (1.^a classe)
Algebra
Geometria

(.) Reproduzimos o presente edital por ter, devido a um engano de revisão, sahido a primeiro sem declaração de data. N. da Redacção.

Philosophia.

As aulas de Primeiras Lettras estarão á cargo do Director, e constarão das materias seguintes:

Leitura

Escripta. Contabilidade
Systema Metrico, Decimal.

Sendo as classes de Grammatica e Analyse logica e grammatical regidas pelo Professor Brazil.

1879

Condições de admissoão.

Os alumnos pagarão por trimestres adiantados, nas condições seguintes:

Internos — mensalidade — 25\$000
Meio-Pensionistas " 15\$000
Externos (curso secundario) 10\$000
" (Primeiras Lettras) 5\$000
Havendo um pequeno desconto, quando forem irmãos.

A roupa para o usofrã á vontade dos pais; e os livros para o ensino serão os adoptados nos melhores collegios, em attenção ao methodo e intelligencia do alumno.

O collegio encarregar-se-há tambem da roupa lavada, mediante um contracto breve.

O Director, certo de que continuará á merecer a confiança dos snrs. chefes de Familia, não poupará esforços para tornar o seu Estabelecimento cada vez mais digno da benevolencia publica.

Epiphania de Castro (fãz celebrar na Matriz d'esta Villa, no dia 22 do corrente uma missa do trigésimo dia pelo descanso eterno da alma de seu prezado amigo Capm. Manoel Lopes da Silva Castro, falecido na Cidade de Lorena no dia 21 do p.p.; e convida a todos os seus amigos, e cto, fallecido para assistirem áquelle acto de tanta caridade e religião.
Villa do Cruzeiro, 7 de Abril de 1879.

Anúncios

Novidade

Grande e variado sortimentodo toda a qualidade de papeis e objectos para escriptorio.

Papel pautado superior marca grande para cartas, o que ha de melhor, envelopes, ditos, papel marca pequena, branco pautado superior; envelopes para o mesmo; papel Cêdre, alta novidade, marca pequena e envelopes ditos á phantasia; imitando fustão cor de lavana; mala-borrão, papel cartão, cartões superiores para visitas; superior papel em miniatura e envelopes idem para participação de casamento, cartões para casa de commercio, papel de linho superior para escriptores, dita almasso, e finalmente grande sortimento de papel de cores para balas e muitos outros objectos de bom gosto á venda na typographia do Echo Municipal—Cachoeira.

6—2

Typ. do Echo Municipal Cachoeira